



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedado da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Locação e administração - Calçada do Cembo, 28-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

E.P.C. - telex. Taibela - Lisboa • Telefone:

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A AGITAÇÃO NA ALEMANHA

Não nos tem permitido os últimos acontecimentos — os quais, devido à inéptitude dos governantes, tomaram proporções gravíssimas — ocupar-nos da agitação comunista que vai alastrando, impetuosa, até avés da Alemanha.

Começou essa agitação, como se sabe, por alguns partidários da monarquia, chefiados por von Kapp e pelo general Lüttwitz, fomentarem a sua revolução.

Contra a revolta dos elementos imperialistas, os sociais-democratas, que estavam no poder e pouco se preocupavam com a miséria situação do proletariado, lembraram-se destruir, na ocasião afitiva em que o seu poder abalava, para que viesse em sua defesa, provocando a greve geral a fim de dificultar a ação monárquica. Foi a greve geral a perdição dos monárquicos e dos pseudo-socialistas, porque os trabalhadores, que não podem de maneira alguma aceitar o regime imperialista que os rastrou à guerra e à fome, também estão — conforme declara no *Excluseiro* um francês chegado da Alemanha — amargamente desiludidos pela incapacidade dos republicanos semi-socialistas e burgueses. Voltou-se, pois, o feticismo contra o feticismo, ou melhor, contra os feticismos. A revolução comunista surgiu da greve. Os espartaquistas, elementos extremistas e combativos, cujos movimentos insurrecionais tiveram numerosas vezes liquidados pela violência dos pseudo-socialistas, abafados em sangue, estando ainda na memória de todos nós as mortes bárbaras de Rosa Luxemburgo e Carlos Liebnecht, voltam, agora com mais força, a lutar pelo ideal libertário.

Ante este desenvolvimento rápido e irresistível, quaisquer poderemos assegurar que em breve os comunistas dominarão a Alemanha inteira, e que Rosa Luxemburgo e Carlos Liebnecht sejam vingados pelo triunfo das suas ideias.

* * *

Aguardamos agora, com uma ansiedade imensa, a atitude do proletariado europeu. Se o exemplo da Rússia, apesar de distanciado, calou fundo no ânimo dos trabalhadores, o da Alemanha há de forçosamente repercutir-se pela Europa. Os revolucionários italianos, onde o movimento social constitui um verdadeiro vulcão, decreto que se agitaria; em Inglaterra e França os alucinados capitalistas hão de estremecer e certamente que, embora os aliacados muitas vezes tentem de se lançar sobre a Alemanha, o proletariado europeu opõe-se à esse gesto, tenazmente, seguindo talvez o exemplo dos alemães e dos russos.

A queda da comunidade húngara deve-se, em parte, à falta de energia do operariado europeu. Mas já bastantes meses passaram sobre a queda do regime socialista húngaro, e alguns meses, nesta época, na vida dos povos representaram os anos. O descontentamento cresce e os povos cada vez odiam mais os seus governos carregados.

Estamos, pois, convencidos de que não acontecerá à Alemanha o que aconteceu à Hungria. Os povos saberão agora tratar de derribar os seus tiranos, para que depois os proletários de todo o mundo possam estreitar amigavelmente as mãos, sem fronteiras, nem preocupações patrióticas.

O comunismo estende-se, era adotado. Ontem foi a comunidade húngara, hoje é a russa, é a alema; amanhã será a francesa e depois a italiana, e não tardará muito tempo que o reino dos Clemenceau, Lloyd George, Ebert ou Baptista passe à história e uma única comunidade erga triunfante e bela, trazendo o bem-estar aos povos, o bem-estar do trabalho e da armonia, do progresso e da felicidade. Será ela a Comuna mundial, tanto ansiosa pelos proletários familiares, pelos bons e pelos justos.

Pela defesa da vida! Pela Liberdade!

Cidadãos: A União dos Sindicatos Operários vem a público lavrar o seu veemente protesto contra os actos de violência e assassinato cometidos contra a população indefesa, actos que só o pavor injustificado de uns e a soberba estúpida do mundo de outros, determinam.

A ferocidade exterminadora chega ao momento agudo, e já não se pode caminhar cordeiramente nas ruas, como, não se pode estar sossegado em casa.

O pavor sobrepuja-se à serenidade. O sentimento da humanidade obliterou-se pelo ódio tórrido e sanguinário dos homens a quem foi confiado o encargo de velar pelo sossego e pela paz pública.

Homens da mais crassa ignorância, que labutavam no campo ou no ofício onde eram úteis a si e à sociedade, foram arrancados para a caserna, transformaram-no em militares profissionais, fizeram neles reviver os sentimentos ancestrais de animalidade feroz, e os armados ato a deuses, acometendo contra a população numérica fúria doida, de canibais que sentem ánsias de embrer-se no sangue daqueles que assassinam.

A isto se chegou e nisto se estará de toda a população de Lisboa não fizer escorar o seu protesto decisivo, num levantamento formidável e unísono que faça entrar na ordem os indivíduos responsáveis por tais anomalias, absolutamente impróprias da hora que decorre.

E a vida de toda a população que está em perigo!

E a liberdade que se dissolve como nuvem armada pelo vento tirânico dos dominantes deste país!

* * *

Desnecessário será tornar público o que o público é conhecido e vem a ser que as classes que se lançaram na luta pela conquista dum salário mais elevado o fizeram impulsionadas pelas impérios necessidades determinadas alteração do que se convencionou cha-

ABAALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

LIBERATO & BAPTISTA

O que lhe posso afirmar é que o governo pode afora encontrar coisas para se orgulhar. É o todo o governo que tem a fôrça a seu lado, e este governo tem a certeza de ter por si, além da guarda nacional republicana, e da guarda fiscal, o exército e a marinha. Já ve, não é verdade? Toda a fôrça, não pelos fulgores da sua inteligência, mas porque é o Liberato, o Liberado... da guarda.

As suas palavras são um oráculo, os seus conceitos um dogma. Os corifeus da política não o discutem, não o combatem. Todos lhes fazem bichinha gata, não pelos fulgores da sua inteligência, mas porque é o Liberato, o Liberado... da guarda.

* * *

A vertiginosa decadência da política portuguesa gerou mais este aborto: Liberato & Baptista. A identidade de ideias tornou o primeiro um desdobraimento do segundo, e vice-versa. O Carmo e o Terreiro do Paço são, hoje, tons e indissíveis.

Assim, nenhum dos actuais cabos de esquadra seria capaz de proferir a monstruosidade que acima transcrevemos.

Quem é então o seu autor?

O sr. Liberato Pinto, chefe do estado maior da guarda republicana, um dos mais fortes estóicos dos governantes, irremediavelmente.

Para esse homem, a solução adequada aos diversos incidentes da questão social, reside nisto: *dar para baixo*.

Para ele, a fôrça dum governo não está na forma criteriosa como encara e resolve os conflitos que a luta de classes faz nascer diariamente, na fôrça, é um insulto imperdoável.

A mediocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes. Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

O mal-estar destes, por maior que seja a sua evidência, não lhes provoca a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflexão, o estudo dos meios atenuantes.

Exaspera-os, acirra-lhos a ferocidade inata. Cada grito de rebolta, cada reclamação, é um insulto imperdoável.

A medicocridade de ideias não lhes deixa ver outra coisa.

Encerram sindicatos, prendem e matam operários, vendendo isto a solução a reflex

OS CRIMES DA GUARDA

A impunidade dos criminosos

O caso dos Barbadinhos

Apesar da tremenda contradição dos factos com o que se pretendeu fazer acreditar sobre o caso da Quinta das Comendadeiras de Santos, nada veio ainda a público acerca das nossas justificadas suspeitas, suspeitas que são secundadas pela opinião dos que moram perto do local onde se cometem a facanha.

Dissimons nós aqui ser impossível que o assassino não soubesse que tinha morto o infeliz namorado, Manuel José da Cunha, porquanto Graciela dos Santos e Gracinda de Jesus ouviram distintamente os lamentos do ferido e a resposta da guarda, seguida de uma descarga. Também suspeitamos do facto do morto ter sido encontrado amarrado com arames e da carteira lhe ter desaparecido.

E' igualmente duvidoso que o desgraçado resvalasse para dentro do regato, passando por um cano que não tem mais de dois palmos de largura e que fôsse encontrado tam distante do local do crime. Ainda não houve quem respondesse às perguntas por nos formuladas no nosso número de 21 de corrente.

O caso é suspeito e, baseados nos informes que colhemos, e que vieram a público no domingo e segunda feira passadas, temos o direito de supor que o caso se passou de modo muito diferente do que foi relatado nos jornais burgeses.

O caso deve ter-se passado assim. Dando de barato que a referida sentença desconhecia o hábito do namorado de ali, há bastante tempo, quase todas as noites fôsse a rapariga, vist aproximadamente o vulto até as escadas, tornou-se-lhe ele suspeito e, subindo ao muro ou abrindo a porta junto da qual Manuel

O assassinato da rua do Garcia

Sobre o caso da Cascalheira podemos livremente exprimir as nossas opiniões. Causa-nos repulsa, nojo, o gesto brutal do cabo n.º 116, da 1.ª bateria de artilharia da guarda republicana. Afirmamos, e conosco estão dezenas de testemunhas, que o referido cabo é assassino e assassinado comprovado.

O facto do cabo andar passando, na manhã seguinte, de pistola em punho pelo local do crime, com ar provocador, indigna revolta. Matar uma mulher que logo é um gesto covarde. Fazer tal desastre assassinato é um requinte de malvadez.

Que protecção ignobil é essa a um homem que mata friamente uma mulher?

Fala-se tanto na honra da guarda republicana que opinião deve ter o povo sobre uma corporação, cujos membros tiram a vida a pessoas indefesas, sem ter mesmo contemplação para mulheres, por uma criatura, como era aquela da rua do Garcia?

Diz o sr. Liberato Pinto, também deputado da ordem e da disciplina e ainda não teve tempo para se ocupar de causas tão graves como os destes últimos dias? E' isto a ordem—assassinar e espancar?

E não querem que nós sejamos inimigos da sua ordem?

Permitem os superiores que os seus soldados pratiquem toda a qualidade

Camaradas, operários da indústria metalúrgica: o comité central protesta com indignação contra as selvagens praticadas pelas forças da municipal, a ordem do governo e a polícia, que, juntamente com os militares, privaram dos direitos dos operários—entre os quais bastantes metalúrgicos—pelo único crime de trairem da situação económica das suas classes.

Metalúrgicos: acompanhais o vosso comité neste protesto atílico e unânime, mostrando a nossa coragem e disposição para a luta!

Actualmente, o que vos dão nas nossas oficinas publicadas na Batalha, mas na Batalha apenas, e não acreditais em mais notícias alguma, ainda que vos digam serem dimanadas do comité central ou da comissão de remarcas?

Alecrim, metalúrgicos, pelas nossas révuntas?

Viva a classe operária!

Viva a greve geral da metallurgia!

O comité central:

Construção civil

Com a mesma perseverança dos dias anteriores, mantém-se a greve dos operários da construção civil, estando os camaradas em luta, que são dos mais ricos na disposição de regressar ao trabalho de cabeça bem erguida, como é próprio de homens capazes dos maiores sacrifícios para verem atendidas suas reclamações.

Essas reclamações seriam desde já satisfeitas se elas fossem capazes de favorecer os perfeitos designios dos proprietários, que dariam tudo em troca do seu tacito acordo à modificação da lei do inquilinato. Tal, porém, não sucederá, porque a classe da construção civil não faz o jôgo de tamanhos repelentes criaturas.

Adesões

A comissão de negociações recebeu mais as seguintes adesões:

Almada: António Mota, construtor. Lisboa: José Martins, construtor.

Nas secções de Lisboa e arredores

CASCAIS.—Tudo no mesmo pé. A paralização continua até que justifica nos seja feita. A vitória será certa.

Viva a união dos operários da construção civil! — O comité local.

OEIRAS.—Continua sem desafeições o movimento grevista da construção civil. Estamos dispostos a só retomar o trabalho, quando forem atendidas as nossas reclamações. — O comité local.

Nota oficiosa

O comité central protesta com indignação contra as selvagens praticadas pelas forças da municipal, a ordem do governo e a polícia, que, juntamente com os militares, privaram dos direitos dos operários—entre os quais bastantes metalúrgicos—pelo único crime de trairem da situação económica das suas classes.

Metalúrgicos: acompanhais o vosso comité neste protesto atílico e unânime, mostrando a nossa coragem e disposição para a luta!

Actualmente, o que vos dão nas nossas oficinas publicadas na Batalha, mas na Batalha apenas, e não acreditais em mais notícias alguma, ainda que vos digam serem dimanadas do comité central ou da comissão de remarcas?

Alecrim, metalúrgicos, pelas nossas révuntas?

Viva a classe operária!

Viva a greve geral da metallurgia!

O comité central:

Construção civil

Com a mesma perseverança dos dias anteriores, mantém-se a greve dos operários da construção civil, estando os camaradas em luta, que são dos mais ricos na disposição de regressar ao trabalho de cabeça bem erguida, como é próprio de homens capazes dos maiores sacrifícios para verem atendidas suas reclamações.

Essas reclamações seriam desde já satisfeitas se elas fossem capazes de favorecer os perfeitos designios dos proprietários, que dariam tudo em troca do seu tacito acordo à modificação da lei do inquilinato. Tal, porém, não sucederá, porque a classe da construção civil não faz o jôgo de tamanhos repelentes criaturas.

Adesões

A comissão de negociações recebeu

mais as seguintes adesões:

Almada: António Mota, construtor.

Lisboa: José Martins, construtor.

Nas secções de Lisboa e arredores

CASCAIS.—Tudo no mesmo pé. A paralização continua até que justifica nos seja feita. A vitória será certa.

Viva a união dos operários da construção civil! — O comité local.

OEIRAS.—Continua sem desafeições o movimento grevista da construção civil. Estamos dispostos a só retomar o trabalho, quando forem atendidas as nossas reclamações. — O comité local.

Nota oficiosa

O comité central protesta com indignação contra as selvagens praticadas pelas forças da municipal, a ordem do governo e a polícia, que, juntamente com os militares, privaram dos direitos dos operários—entre os quais bastantes metalúrgicos—pelo único crime de trairem da situação económica das suas classes.

Metalúrgicos: acompanhais o vosso comité neste protesto atílico e unânime, mostrando a nossa coragem e disposição para a luta!

Actualmente, o que vos dão nas nossas oficinas publicadas na Batalha, mas na Batalha apenas, e não acreditais em mais notícias alguma, ainda que vos digam serem dimanadas do comité central ou da comissão de remarcas?

Alecrim, metalúrgicos, pelas nossas révuntas?

Viva a classe operária!

Viva a greve geral da metallurgia!

O comité central:

Construção civil

Com a mesma perseverança dos dias anteriores, mantém-se a greve dos operários da construção civil, estando os camaradas em luta, que são dos mais ricos na disposição de regressar ao trabalho de cabeça bem erguida, como é próprio de homens capazes dos maiores sacrifícios para verem atendidas suas reclamações.

Essas reclamações seriam desde já satisfeitas se elas fossem capazes de favorecer os perfeitos designios dos proprietários, que dariam tudo em troca do seu tacito acordo à modificação da lei do inquilinato. Tal, porém, não sucederá, porque a classe da construção civil não faz o jôgo de tamanhos repelentes criaturas.

Adesões

A comissão de negociações recebeu

mais as seguintes adesões:

Almada: António Mota, construtor.

Lisboa: José Martins, construtor.

Nas secções de Lisboa e arredores

CASCAIS.—Tudo no mesmo pé. A paralização continua até que justifica nos seja feita. A vitória será certa.

Viva a união dos operários da construção civil! — O comité local.

OEIRAS.—Continua sem desafeições o movimento grevista da construção civil. Estamos dispostos a só retomar o trabalho, quando forem atendidas as nossas reclamações. — O comité local.

Nota oficiosa

O comité central protesta com indignação contra as selvagens praticadas pelas forças da municipal, a ordem do governo e a polícia, que, juntamente com os militares, privaram dos direitos dos operários—entre os quais bastantes metalúrgicos—pelo único crime de trairem da situação económica das suas classes.

Metalúrgicos: acompanhais o vosso comité neste protesto atílico e unânime, mostrando a nossa coragem e disposição para a luta!

Actualmente, o que vos dão nas nossas oficinas publicadas na Batalha, mas na Batalha apenas, e não acreditais em mais notícias alguma, ainda que vos digam serem dimanadas do comité central ou da comissão de remarcas?

Alecrim, metalúrgicos, pelas nossas révuntas?

Viva a classe operária!

Viva a greve geral da metallurgia!

O comité central:

Construção civil

Com a mesma perseverança dos dias anteriores, mantém-se a greve dos operários da construção civil, estando os camaradas em luta, que são dos mais ricos na disposição de regressar ao trabalho de cabeça bem erguida, como é próprio de homens capazes dos maiores sacrifícios para verem atendidas suas reclamações.

Essas reclamações seriam desde já satisfeitas se elas fossem capazes de favorecer os perfeitos designios dos proprietários, que dariam tudo em troca do seu tacito acordo à modificação da lei do inquilinato. Tal, porém, não sucederá, porque a classe da construção civil não faz o jôgo de tamanhos repelentes criaturas.

Adesões

A comissão de negociações recebeu

mais as seguintes adesões:

Almada: António Mota, construtor.

Lisboa: José Martins, construtor.

Nas secções de Lisboa e arredores

CASCAIS.—Tudo no mesmo pé. A paralização continua até que justifica nos seja feita. A vitória será certa.

Viva a união dos operários da construção civil! — O comité local.

OEIRAS.—Continua sem desafeições o movimento grevista da construção civil. Estamos dispostos a só retomar o trabalho, quando forem atendidas as nossas reclamações. — O comité local.

Nota oficiosa

O comité central protesta com indignação contra as selvagens praticadas pelas forças da municipal, a ordem do governo e a polícia, que, juntamente com os militares, privaram dos direitos dos operários—entre os quais bastantes metalúrgicos—pelo único crime de trairem da situação económica das suas classes.

Metalúrgicos: acompanhais o vosso comité neste protesto atílico e unânime, mostrando a nossa coragem e disposição para a luta!

Actualmente, o que vos dão nas nossas oficinas publicadas na Batalha, mas na Batalha apenas, e não acreditais em mais notícias alguma, ainda que vos digam serem dimanadas do comité central ou da comissão de remarcas?

Alecrim, metalúrgicos, pelas nossas révuntas?

Viva a classe operária!

Viva a greve geral da metallurgia!

O comité central:

Construção civil

Com a mesma perseverança dos dias anteriores, mantém-se a greve dos operários da construção civil, estando os camaradas em luta, que são dos mais ricos na disposição de regressar ao trabalho de cabeça bem erguida, como é próprio de homens capazes dos maiores sacrifícios para verem atendidas suas reclamações.

Essas reclamações seriam desde já satisfeitas se elas fossem capazes de favorecer os perfeitos designios dos proprietários, que dariam tudo em troca do seu tacito acordo à modificação da lei do inquilinato. Tal, porém, não sucederá, porque a classe da construção civil não faz o jôgo de tamanhos repelentes criaturas.

Adesões

A comissão de negociações recebeu

mais as seguintes adesões:

Almada: António Mota, construtor.

Lisboa: José Martins, construtor.

Nas secções de Lisboa e arredores

CASCAIS.—Tudo no mesmo pé. A paralização continua até que justifica nos seja feita. A vitória será certa.

Viva a união dos operários da construção civil! — O comité local.

OEIRAS.—Continua sem desafeições o movimento grevista da construção civil. Estamos dispostos a só retomar o trabalho, quando forem atendidas as nossas reclamações. — O comité local.

Nota oficiosa

O comité central protesta com indignação contra as selvagens praticadas pelas forças da municipal, a ordem do governo e a polícia, que, juntamente com os militares, privaram dos direitos dos operários—entre os quais bastantes metalúrgicos—pelo único crime de trairem da situação económica das suas classes.

Metalúrgicos: acompanhais o vosso comité neste protesto atílico e unânime, mostrando a nossa coragem e disposição para a luta!

Actualmente, o que vos dão nas nossas oficinas publicadas na Batalha, mas na Batalha apenas, e não acreditais em mais notícias alguma, ainda que vos digam serem dimanadas do comité central ou da comissão de remarcas?

Alecrim, metalúrgicos, pelas nossas révuntas?

Viva a classe operária!